

# Boletim de Ocorrência



Por  
**Celito De Grandi**

Ø17

## O futuro assassinado



REPRODUÇÃO

**Mário Sérgio Gabardo**

A morte não esclarecida de um jovem em Canoas é o 17º caso da série que lembrará, aos domingos de 2012, crimes enigmáticos

Os amigos do empresário Sérgio Mário Gabardo já sabem: neste domingo, dia 29, vão receber um e-mail de desabafo e protesto. As palavras, endereçadas também a autoridades, são sempre de inconformidade.

Em janeiro deste ano, ele escreveu: “Quando morrem os pais, perde-se o passado, mas, quando morre um filho, perde-se o futuro.”

Sérgio envia recados todo final de mês, desde o assassinato do filho, há seis anos e sete meses.



Mário Sérgio Gabardo era um rapaz tranquilo e amoroso, aluno do sexto semestre da Faculdade de Direito da PUCRS. Aos 20 anos, falava cinco línguas e já ocupava a função de gerente de frotas (200 caminhões) da empresa familiar, a Transportadora Gabardo. Desde os 10 anos circulava pelo pátio, manobrando carros. Tinha talento para negócios e, muito cedo, tornou-se confidente e conselheiro do pai.

Por volta das 21h30min do dia 29 de setembro de 2005, depois de uma prova na faculdade, foi para o churrasco de todas as semanas com três inseparáveis amigos de infância.

Ao estacionar o carro, um Peugeot 307, na Rua Tomé de Souza, quase esquina com a Rua Venâncio Aires, em Canoas, ele viu os dois homens no Ka de cor prata. Uma testemunha disse à polícia que Mário Sérgio deve ter pressentido o perigo e acelerou o carro.

Um dos homens começa a atirar enquanto o rapaz dirige em alta velocidade até ser atingido por um tiro nas costas. A bala aloja-se no coração, ele desfalece, bate o carro numa árvore. Socorrido

pelo Samu, morre a caminho do Hospital Nossa Senhora das Graças.



Gabardo e a mulher, Iracema, não se conformam que o crime esteja impune até hoje. Ele não aceita a versão de tentativa de assalto que resultou na morte. Para ele, Mário Sérgio foi executado, a mando do cartel que domina o mercado de cegonheiros no Brasil.

O empresário diz que foi ameaçado várias vezes e, poucos dias depois da morte do filho, afirma ter recebido um estranho telefonema feito de um orelhão.

– Gabardo, entendo tua dor, também sou pai. Mas esquece isso, faço parte da equipe que pagou para não acontecer essa investigação – disse o homem.

Ele levou o caso ao Ministério Público e decidiu que, a partir daí, a família utilizaria carros blindados.



Ao completarem-se cinco anos da morte, Zero Hora publicou, além do lamento do empresário, o contraponto do delegado de polícia, Flavio Conrado, encarregado das investigações:

– Fiz de tudo, até o impossível.

Também foi ouvida a promotora Janine Borges Soares, do Ministério Público de Canoas, responsável pelo arquivamento do processo:

– Essa acusação de que não investigamos não tem procedência. O inquérito está lá para quem quiser ver. Fez-se um trabalho primoroso, até a Polícia Federal foi envolvida.

Afora o fato de o casal ter um outro filho, hoje com cinco anos, pouca coisa mudou nesse tempo. Para Gabardo, continuam sem explicação algumas questões essenciais:

– Quatro horas antes de o filho ser morto, Sérgio cotou, via e-mail, preços solicitados por empresas montadoras; ele havia sofrido várias ameaças, e fora advertido que não o fizesse.

– O notebook pessoal do jovem Mário Sérgio, com informações confidenciais, desapareceu da empresa na manhã do seu velório. E o setor de informática da transportadora apurou que ele foi utilizado muito cedo, por volta de 8h daquele dia.

– Há divergências sobre a importância da perícia no local do crime. A delegada diz que não era importante, o corpo já havia sido removido, uma perita experiente diz o contrário.

– Muitos cegonheiros tiveram seus veículos incendiados nestes últimos meses. E Ivan Tavella, presidente do sindicato dos Transportadores Autônomos de Vitória, (ES) foi executado, comprovadamente, em novembro de 2011.



A indefinição deste caso não é um fato isolado: cerca de 80% dos homicídios registrados no Rio Grande do Sul estão à espera de solução. Mas Sérgio Mário Gabardo não desiste. A forma que ele encontrou para reclamar providências é essa mensagem mensal.

No e-mail deste domingo, ele deve escrever sobre seu desapontamento, mais uma vez: “O máximo que as autoridades conseguiram fazer foi dar o nome de Mário Sérgio a uma rua de Canoas”.



Ao participar de missa em setembro de 2011, Gabardo reforçou a busca por justiça no assassinato do filho



FOTOS: TARLIS SCHNEIDER, 23/09/2011



### O crime

**Vítima:**  
Mário Sérgio Gabardo

**Época do crime:**  
Setembro de 2005

**Cidade:**  
Canoas

**Principal suspeito:**  
Não identificado

**Motivação:**  
Incerta